

Do olho vertical ao *sensorium* sociotécnico: drones, estética e comunidades

From the vertical eye to the sociotechnical sensorium: drones, aesthetics and communities

Del ojo vertical al sensorium sociotécnico: drones, estética y comunidades

Thiago Perez Bernardes de MORAES¹

Resumo

Resenha crítica do livro *The Sensorium of the Drone and Communities*, de Kathrin Maurer, publicado pela MIT Press em 2023. O texto examina a obra como formulação de uma teoria cultural do drone, com ênfase nos nexos entre sensorialidade, estética, mediação técnica, comunidades imaginadas e disputas de poder no cotidiano midiaticizado.

Palavras-chave: Drone; *Sensorium*; Comunicação; Comunidade; Vigilância.

Abstract

Critical review of Kathrin Maurer's *The Sensorium of the Drone and Communities*, published by MIT Press in 2023. The review examines the book as a cultural theory of the drone, focusing on the links between sensoriality, aesthetics, technical mediation, imagined communities and power disputes in mediatized everyday life.

Keywords: Drone; *Sensorium*; Communication; Community; Surveillance.

Resumen

¹ Doutor em Psicologia Social pela Universidad Argentina John Fitzgerald Kennedy. Professor titular do Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE), Curitiba, Brasil. E-mail: thiago.moraes@uniandrade.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7128-4248>.



Reseña crítica del libro *The Sensorium of the Drone and Communities*, de Kathrin Maurer, publicado por MIT Press en 2023. El texto examina la obra como formulación de una teoría cultural del drone, con énfasis en los vínculos entre sensorialidad, estética, mediación técnica, comunidades imaginadas y disputas de poder en la vida cotidiana mediatizada.

Palabras clave: Drone; *Sensorium*; Comunicación; Comunidad; Vigilancia.

Introdução

Há livros que entram em um campo de pesquisa corrigindo um excesso de interpretação. *The Sensorium of the Drone and Communities*, de Kathrin Maurer, pertence a essa categoria. A autora parte de um diagnóstico simples apenas na aparência: os estudos sobre drones, sobretudo aqueles atravessados por guerra, vigilância e soberania vertical, fizeram do aparelho uma espécie de olho técnico hipertrofiado. Nessa imagem, o drone olha de cima, separa alvo e operador, transforma distância em poder, converte superfície em suspeição.

Maurer não descarta esse regime visual, e nisso reside uma parte importante da força do livro. A questão que ela abre é outra: quando a crítica se fixa apenas no olhar vertical, ela empobrece o próprio objeto que pretende descrever. O drone passa a aparecer como uma tecnologia ótica, quando deveria ser lido como uma máquina cultural de sensoriamiento, uma composição instável de percepção, corpo, ambiente, dado, estética e comunidade.

A tese decisiva do livro pode ser formulada como uma teoria cultural do drone. Por teoria cultural entende-se, aqui, uma interpretação do drone como dispositivo que produz mundo simbólico, organiza experiências sensoriais e participa da fabricação de formas coletivas de pertencimento. A preocupação central de Maurer não é o drone como equipamento, nem a engenharia de sua operação, tampouco uma sociologia direta de seus usos institucionais.

A autora propõe uma chave mais ambiciosa: o drone deve ser compreendido como *assemblage* sensorial, isto é, como arranjo de humanos, máquinas, dados, atmosferas, imagens, movimentos e afetos que desloca as fronteiras convencionais entre ver, sentir, medir e habitar. O objeto empírico privilegiado pela autora é a arte com drones civis, mas o alcance teórico é mais amplo, pois o livro permite pensar o drone como uma mídia cultural na qual técnica e imaginação social se coproduzem.



Essa teoria se organiza em torno de uma variável explicativa central: o *sensorium* do drone. A noção funciona como o núcleo causal da obra. Quando o drone deixa de ser lido apenas como câmera aérea e passa a ser lido como *sensorium*, mudam os efeitos esperados. A variável dependente passa a ser a formação de comunidades, ou melhor, de imaginários comunitários. Entre uma coisa e outra operam mecanismos mediadores: experimentação estética, incorporação corporal, dataficação da face, tradução ambiental da Terra, experiência volumétrica do espaço, lógica de enxame e sensoriamento pandêmico.

Há ainda variáveis moderadoras que Maurer nem sempre explicita com vocabulário metodológico, mas que sustentam sua arquitetura argumentativa: a genealogia militar do drone, o uso civil e amador, o gênero estético mobilizado, o grau de mediação algorítmica, a presença de plataformas comerciais, a escala territorial e o regime político no qual o sensoriamento ocorre. Lido desse modo, o livro apresenta uma espécie de modelo cultural do drone: diferentes regimes sensoriais geram diferentes imaginações de coletividade, desde comunidades ciborgues e dataficadas até comunidades planetárias, pós-carbono, multitudinárias e pandêmicas.

O ganho analítico dessa operação é evidente. A autora desarma o automatismo crítico que associa o drone, de modo quase reflexo, ao panóptico aéreo e à soberania militar. O deslocamento não absolve a tecnologia. Maurer insiste que o drone civil conserva marcas de sua origem bélica e que a separação entre o civil e o militar é porosa, historicamente frágil e politicamente incômoda. O que ela recusa é a ideia de que a origem determine todo o futuro semântico do dispositivo.

Nesse ponto, sua análise é particularmente produtiva para os estudos de comunicação, porque permite compreender tecnologias como formas culturais abertas, embora constrangidas por infraestrutura, mercado e poder. O drone comunica porque percebe, registra, classifica, reencena, redistribui atenção e produz cenas de mundo. Ele não é só suporte de uma mensagem. Ele altera a gramática da experiência.

A aposta estética da obra é simultaneamente seu grande achado e seu ponto mais vulnerável. Maurer trata a arte como laboratório epistemológico. Nas instalações, filmes, romances, *performances*, imagens amadoras e experimentações visuais que analisa, os drones deixam de aparecer como máquinas transparentes e se



tornam dispositivos estranhos, falhos, táteis, sonoros, corporais, ambientais. Essa escolha permite enxergar o que a crítica da vigilância, por vezes, deixa escapar: o drone é também uma tecnologia de sensibilidade.

O problema é que a centralidade da arte, embora sofisticada, estreita a empiria. A autora consegue demonstrar como artistas imaginam comunidades com drones; demonstra menos como essas comunidades se estabilizam socialmente, como se tornam práticas ordinárias, como são apropriadas por grupos situados, como são capturadas por empresas, Estado e plataformas. A teoria cultural é convincente, mas a passagem entre imaginário estético e vida social efetiva ainda poderia receber mais densidade sociológica.

A obra fica mais forte quando confronta a tradição ocularcêntrica dos drones. A discussão do regime escópico é decisiva porque o livro se constrói contra a redução do drone a uma verticalidade visual. O drone militar foi pensado, muitas vezes, como expressão técnica de uma visão totalizante. Maurer aceita esse ponto de partida e o desloca. O *sensorium*, em sua leitura, inclui imagem, som, tato, movimento, temperatura, volume, dado e afeto.

Essa ampliação aproxima sua proposta de debates já presentes sobre tecnologia e percepção, como aqueles em que Cremonez e Nespoli (2017) analisam o *smartphone* como máquina sensorial dotada de componentes técnicos, estéticos e ideológicos. O mérito de Maurer está em levar raciocínio semelhante para um objeto mais inquietante, menos domesticado pelo cotidiano, e por isso mesmo mais revelador das ambiguidades contemporâneas entre mediação, controle e invenção.

A ideia de comunidade é o segundo eixo estrutural da obra. A autora não trabalha comunidade como grupo sociológico estável, delimitado por território, identidade ou coesão normativa. Sua noção é mais móvel. Comunidade aparece como forma de imaginar relações entre humanos e não humanos, entre operadores e ambientes, entre corpos e dados, entre multidões e máquinas. Essa escolha tem força conceitual, pois evita uma sociologia rígida demais para um objeto que opera por acoplamentos provisórios.

O drone faz comunidade quando reorganiza a percepção compartilhada de um espaço, quando torna visível uma multidão, quando conecta um piloto amador a uma cena aérea, quando converte uma face em dado, quando transforma a Terra em



superfície sensível ou quando cria uma coreografia técnica de enxame. A comunidade, nesses casos, não preexiste intacta ao dispositivo. Ela é afetada por ele.

Há, ainda assim, uma tensão que atravessa o livro. Ao insistir na potência afirmativa, criativa e quase vital do drone civil, Maurer corre o risco de fazer da estética uma compensação simbólica para assimetrias materiais duras. Drones não circulam no vazio. Eles dependem de cadeias de produção, *softwares* proprietários, normas de aviação, mercados de segurança, bancos de dados, sensores embarcados, infraestrutura energética e regimes de extração informacional.

A autora reconhece parte desses constrangimentos, sobretudo quando discute reconhecimento facial, monitoramento pandêmico e militarização ordinária, mas o peso da economia política aparece de forma mais lateral do que deveria. A teoria cultural do drone ganharia força se incorporasse, com maior centralidade, quem controla os sensores, quem possui os dados, quem define os padrões de detecção, quem arquiva as imagens e quem transforma a experiência sensorial em valor econômico ou capacidade administrativa.

Esse limite fica particularmente visível no capítulo sobre reconhecimento facial e comunidades dataficadas. Maurer percebe bem que o rosto, quando atravessado pelo drone, deixa de ser apenas imagem e passa a operar como interface calculável. O corpo vira inscrição, índice, padrão, probabilidade. A crítica poderia avançar ainda mais na direção das desigualdades algorítmicas e das variações geopolíticas da dataficação.

Siles, Gómez-Cruz e Ricaurte (2024), ao proporem uma teoria popular de algoritmos, advertiram contra a transposição automática de diagnósticos formulados no Norte Global para outros contextos culturais. Essa advertência é útil para ler Maurer pelo avesso. O *sensorium* do drone não deve ser tomado como experiência universal. Ele assume sentidos distintos em cidades securitizadas, periferias vigiadas, zonas de conflito, protestos sociais, comunidades indígenas, ambientes rurais, museus, festivais de arte ou campanhas ambientais. O *sensorium* é variável, e sua variação importa politicamente.

A parte dedicada à Terra amplia o alcance da obra. Ao tratar de sensoriamento achatado, volumétrico e pós-carbono, Maurer retira o drone da cena exclusiva da vigilância humana e o recoloca no campo das ecologias técnicas. A Terra aparece



como superfície, atmosfera, volume, profundidade, arquivo e meio. Esse movimento é interessante porque desloca a pergunta clássica, “quem vigia quem?”, para outra mais instável: que mundos se tornam perceptíveis quando máquinas voadoras passam a medir, mapear e narrar ambientes? O drone, nessa leitura, extrapola a observação de pessoas e participa da produção de uma ecologia do visível e do sensível.

A obra poderia tensionar mais fortemente a ambivalência ambiental dessas tecnologias. Drones monitoram florestas, culturas agrícolas e atmosferas, enquanto permanecem vinculados a cadeias materiais de mineração, energia, obsolescência técnica e descarte. A comunidade pós-carbono evocada pelo livro permanece, assim, uma promessa inquieta.

Os capítulos sobre enxames e pandemia completam a arquitetura teórica de Maurer ao deslocar a agência para formas não humanas de coordenação. O enxame permite pensar coletividades sem centro, multiplicidades técnicas, movimentos distribuídos. O vírus, por sua vez, torna o drone uma tecnologia de distância, cuidado, controle e exceção cotidiana. O interesse desses capítulos está em mostrar que o drone observa comunidades e modela as condições sensoriais pelas quais uma comunidade se reconhece como corpo coletivo.

Durante a pandemia, por exemplo, a distância física se tornou uma norma perceptiva e moral. O drone, nesse cenário, participa de uma pedagogia visual do afastamento. Essa interpretação é refinada, embora pudesse avançar mais no contraste entre cuidado público e vigilância disciplinar, sobretudo em países nos quais tecnologias de emergência tendem a sobreviver à própria emergência.

A contribuição mais original do livro talvez esteja na recusa de uma ontologia simples da tecnologia. Maurer não pergunta se drones são bons ou ruins. Essa pergunta é pobre porque supõe que a técnica tenha uma essência moral anterior às suas relações. A autora prefere observar como drones, em situações estéticas e culturais específicas, produzem sensorialidades, afetos e comunidades. Essa opção permite uma crítica menos moralizante e mais precisa.

O drone é perigoso quando intensifica assimetrias de visão, captura e classificação. É inventivo quando torna sensível uma relação ambiental, corporal ou coletiva que antes permanecia opaca. É banal quando se converte em brinquedo de



consumo. É político quando reorganiza o campo do visível. Essas possibilidades não se excluem; elas coexistem no mesmo objeto, frequentemente no mesmo voo.

A leitura da obra como teoria cultural do drone permite sistematizar seu núcleo explicativo. O mecanismo de primeira ordem é a desocularização: o drone deixa de ser apenas olho. O mecanismo de segunda ordem é a sinestesia técnica: diferentes registros sensoriais entram em composição. O mecanismo de terceira ordem é a imaginação comunitária: a percepção maquínica passa a figurar modos de estar junto. O mecanismo de quarta ordem é a ambivalência sociotécnica: a mesma tecnologia que abre formas criativas de relação pode intensificar controle, extração e violência.

Esse encadeamento oferece uma matriz promissora para pesquisas futuras. Seria possível, por exemplo, comparar como diferentes usos civis do drone produzem distintas comunidades imaginadas; medir como públicos reagem a imagens aéreas de protestos, catástrofes ambientais ou eventos culturais; investigar como a presença do drone altera comportamentos em espaços públicos; ou analisar como plataformas de vídeo normalizam certas estéticas aéreas no consumo cotidiano de paisagens, cidades e corpos.

O livro também oferece uma oportunidade para repensar a categoria mídia. Se mídia for entendida apenas como canal de circulação de mensagens, o drone parecerá periférico. Se mídia for compreendida como mediação material, sensorial e simbólica, ele passa ao centro de uma agenda contemporânea. O drone é mídia porque produz perspectiva, porque fabrica distância, porque organiza presença, porque arquiva movimento, porque transforma ambiente em dado visualizável.

Mais ainda, ele reconfigura a própria posição do sujeito perceptivo. Quem vê por meio do drone não ocupa o mesmo lugar de quem vê pela câmera de mão, pela tela do *smartphone* ou pelo *feed* algorítmico. Cada dispositivo organiza um tipo de corpo, um tipo de atenção e um tipo de mundo. O drone acrescenta a essa história uma percepção aérea, móvel, maquínica, parcialmente autônoma e intensamente ambígua.

A crítica a Maurer não diminui a importância do livro. Ao contrário, indica onde ele pode ser mais produtivo para novas pesquisas. Faltam ao trabalho uma exploração mais substantiva do Sul Global, uma economia política dos fabricantes e



plataformas, uma discussão mais detalhada sobre regulação e uma atenção mais fina às desigualdades raciais, territoriais e securitárias que atravessam a experiência do sensoriamento. Também seria desejável maior enfrentamento empírico com usos ordinários de drones fora do circuito artístico.

Ainda assim, a obra entrega algo raro: uma linguagem conceitual suficientemente forte para retirar o drone do lugar estreito de aparelho de vigilância e recolocá-lo como forma cultural.

The Sensorium of the Drone and Communities merece ser lido como uma contribuição relevante aos estudos de comunicação, cultura visual, estética tecnológica, vigilância e sociotécnica do cotidiano. Sua hipótese central é fértil: drones veem, sentem de modo composto, reorganizam ambientes e modulam comunidades. O livro vale menos por oferecer uma conclusão fechada e mais por estabelecer uma gramática de pesquisa. Depois de Maurer, torna-se mais difícil falar de drones somente como olhos aéreos. Eles aparecem como *sensoria* móveis de uma sociedade que aprendeu a delegar a máquinas parte de sua percepção e, com isso, parte de sua imaginação coletiva.

Ficha catalográfica da obra resenhada

MAURER, Kathrin. **The Sensorium of the Drone and Communities**. Cambridge, Massachusetts; London: The MIT Press, 2023. 307 p. ISBN 9780262545907. ISBN 9780262374903.

Referências

CREMONEZ, Bruno Henrique; NESPOLI, Eduardo. O *smartphone* como dispositivo de escuta: reflexões acerca do papel dos aparatos tecnológicos em uma sociedade mediatizada. *Mídia e Cotidiano*, Niterói, v. 11, n. 3, p. 173-189, 2017. DOI: 10.22409/ppgmc.v11i3.9851.

MAURER, Kathrin. *The Sensorium of the Drone and Communities*. Cambridge, Massachusetts; London: The MIT Press, 2023. 307 p.

SILES, Ignacio; GÓMEZ-CRUZ, Edgar; RICAURTE, Paola. Rumo a uma teoria popular de algoritmos. *Mídia e Cotidiano*, Niterói, v. 18, n. 2, p. 87-108, 2024. DOI: 10.22409/rmc.v18i2.63057.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.